

A linguística saussuriana, seus efeitos e desdobramentos

Daiane Neumann¹

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Lauro Gomes²

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, São Lourenço do Sul, RS, Brasil

Luiza Milano³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Apresentação

Este *Dossiê* apresenta à comunidade acadêmica importantes leituras acerca de questões-chave da *linguística saussuriana* e põe em destaque, ao longo dos artigos que o constituem, muitos de seus principais *efeitos e desdobramentos* no interior de diferentes quadros teóricos. A ideia de organização do número temático surgiu do profícuo debate proporcionado pelo *Ciclo de conferências em estudos da linguagem: da linguística do sistema à linguística do discurso*, evento promovido pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande (FURG – Campus São Lourenço do Sul) durante os dias 18, 19 e 20 de janeiro de 2023. No último dia de evento, foi unânime, entre conferencistas e estudantes da graduação e da pós-graduação, o desejo de que fossem trazidos a público os trabalhos tão cuidadosamente elaborados pelos(as) pesquisadores(as) presentes.

Encerrado o evento, então, as professoras Dra. Daiane Neumann (UFPel) e Dra. Luiza Milano (UFRGS), ambas conferencistas, reuniram-se com o conferencista e organizador, professor Dr. Lauro Gomes (FURG), com o objetivo de discutir as prospecções possíveis. Decidiu-se, a partir daí, que se organizaria este *Dossiê* no mesmo viés do Ciclo de Conferências – não estritamente fechado no âmbito da linguística saussuriana, mas aberto aos efeitos e

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora dos cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Líder do grupo de pesquisa “Linguística, literatura e arte” vinculado ao CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7363-0375>. E-mail: daiane_neumann@hotmail.com.

² Doutor em Linguística (PUCRS/EHESS - Paris). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Coordenador Adjunto do Curso de Letras-Português (FURG – Campus São Lourenço do Sul). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1302-2693>. E-mail: gomeslauro89@gmail.com.

³ Professora dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Pós-graduação em Letras da mesma universidade. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0040-7911>. E-mail: luizamilanos@gmail.com.

desdobramentos que o pensamento de Ferdinand de Saussure teve e tem tido até os dias de hoje.

O que ora se apresenta parece realmente elucidar a resposta que Émile Benveniste dá em entrevista a Guy Damur, intitulada “esta linguagem que faz a história”, segundo a qual, nos próprios termos de Benveniste, Saussure “não é um começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de começo” (Benveniste, 2006 [1974], p. 31). Seguramente, todos os artigos deste *Dossiê* comprovam a não obsolescência da linguística de Saussure, uma vez que, até mesmo para a ela se opor, é preciso a ela retornar. Não há crítica suficientemente forte para retirar Saussure da posição que ocupa na História da Linguística. Manuscritos, anotações, correspondências e demais documentos do próprio mestre genebrino têm contribuído para que historiógrafos da linguística e pesquisadores contemporâneos do pensamento saussuriano assegurem, com bastante convicção, o seu estatuto de fundador de um novo paradigma em ciências da linguagem. Nas palavras de Altman (2021, p. 37),

Saussure continua a ser reverenciado pela comunidade acadêmica a leste e a oeste (v. Koerner, 1992-1994) como o grande filólogo comparatista do século XIX – o que efetivamente foi no que escreveu e publicou – e como o grande teórico da linguística geral e da semiologia do século XX – embora nesse caso não tenha sido o autor efetivo do que foi publicado postumamente em seu nome.

O que se vai mostrar, neste *Dossiê*, consolida a grande contribuição da linguística saussuriana, que, segundo Benveniste (2006 [1974]), consistiria na tese de que “a linguagem [...] é forma, não substância” (p. 31), conforme se lê na inserção feita pelos editores do CLG, no capítulo sobre o valor linguístico: “esta combinação produz uma forma, não uma substância” (Saussure, 1977, p. 131). Essa tomada de posição se coaduna com a observação de que a linguística, ao contrário de outras ciências, ocupa-se não do objeto, nem de sua substância, mas tão somente da forma. Tal constatação tem como seu avatar a teoria do valor, segundo a qual “os dados de linguagem não existem senão por suas diferenças, eles não valem senão por suas oposições” (Benveniste, 2006, p. 31).

Outro clássico depoimento vai também nessa direção. Jakobson, ao responder sobre os desdobramentos da linguística em entrevista a Krystyna Pomorska, em *Diálogos* (1985), aponta a importância decisiva das ideias saussurianas em suas pesquisas: “Um dos princípios fundamentais mais fecundos de Saussure era o das “oposições” – sobre as quais se constrói todo o sistema da língua. Quanto a isso, segui-o com rigor crescente” (p. 48).

Como bem pontua Benveniste (2006 [1974], p. 31), segundo o pensamento saussuriano, “uma palavra, por si mesma, não significa nada”. As entidades linguísticas somente ganham valor semântico na relação que estabelecem umas com as outras. Oswald Ducrot, por exemplo, construiu sua Semântica em cima desse pressuposto saussuriano, acrescentando-lhe o fato de que toda relação – associativa ou sintagmática – é, em essência, argumentativa. Isoladamente, para Ducrot (1987), a palavra contém apenas uma “significação”, que, quando associada à outra, se transformará em “sentido”. Tal transformação se dá por intermédio da “enunciação”, que, de acordo com Ducrot (1987, p.

168), é “o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado”. Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre, Marion Carel e demais linguistas inscritos na chamada Semântica Argumentativa criaram teorias semânticas para descrever e explicar a “argumentação na língua” e a “polifonia linguística” – fenômenos estudados segundo os preceitos da pioneira linguística saussuriana. Nos termos de Ducrot (1968, p. 44), “*pressupor o sistema no elemento é o que constitui, a nosso ver, o contributo próprio de Saussure ao estruturalismo linguístico*”.

A grande revolução de Saussure, para Benveniste, consiste em sua reação à consideração histórica que prevalecia em linguística. Para o linguista genebrino, a história não seria necessariamente uma dimensão da língua, pois a história seria apenas uma das suas dimensões. Isso significa dizer que não seria a história que daria vida à linguagem, mas o inverso: “a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (Benveniste, 2006 [1974], p. 32).

Percebem-se, nessas tantas constatações, alguns princípios que erigem o pensamento teórico de Saussure e que sustentam, em grande medida, a linguística desenvolvida no século XX, tanto no que concerne àquela mais formal quanto àquela que busca uma abertura para os estudos da enunciação, do texto, do discurso (e aqui se podem incluir os já referidos leitores Benveniste, Jakobson e Ducrot, mas também teóricos como Pêcheux e Bakhtin), além de inspirarem a abertura ao diálogo interdisciplinar, conforme muitos dos artigos aqui presentes demonstram.

A constante renovação de olhar em direção à obra saussuriana suscitada pela descoberta de novos manuscritos e de novas fontes aguçam a percepção de que se está diante de uma obra viva, complexa, em movimento e em busca de novos sentidos. Com o objetivo de lançar luzes para o caráter fundador desse pensamento, bem como para a sua complexidade e seu movimento, este *Dossiê* busca congregiar trabalhos que atentem para os efeitos e desdobramentos interpretativos do legado saussuriano produzidos durante os séculos XX e XXI.

O texto de abertura do *Dossiê*, “Uma releitura imanente da tese saussuriana da língua como instituição social”, de autoria de Alexandre Sales Macedo Barbosa, busca apresentar uma leitura imanente de um recorte do corpus saussuriano, qual seja, *CLG* e fontes manuscritas, a fim de recolocar esta tese em seu “efetivo lugar” na reflexão saussuriana, principalmente considerando a influência do linguista americano W. D. Whitney.

Em “Notas sobre o estatuto da palavra-tema no anagrama saussuriano”, os autores, Glória Maria Monteiro de Carvalho, Maria de Fátima Vilar de Melo e Robson Anselmo Tavares de Melo, buscam abordar o estatuto da palavra-tema na teoria saussuriana do anagrama, trazendo à discussão sua condição de substância, através da concepção de palavra-coisa, na poesia concreta brasileira.

No artigo “Fala e discurso nas elaborações de Ferdinand de Saussure”, Stefania Henriques pretende evidenciar que o conceito de fala se encontra no *CLG*, apesar das inúmeras acusações feitas a Saussure acerca da exclusão de tal conceito dos estudos

linguísticos, bem como o de discurso. Pretende ainda a autora discutir acerca da presença de tais conceitos também nos manuscritos saussurianos acerca das lendas germânicas.

Em “Entre o articulatório, o acústico e o representacional: uma releitura do significante”, Milano e Riter propõem uma releitura da noção de significante do signo linguístico a partir dos conceitos saussurianos de unidade, valor e arbitrário. As autoras, ao analisarem os aspectos articulatório, acústico e representacional presentes em passagens do *CLG*, sugerem uma certa dilatação da porção significante do signo, o que convida a significativos deslocamentos teóricos.

Camila Pilotto Figueiredo, em “As leis fonéticas no pensamento saussuriano: conceitualização e relevância”, objetiva apresentar a conceitualização saussuriana da noção de lei fonética, considerando as críticas realizadas pelo autor e traçando algumas considerações introdutórias acerca da sua relevância. O ponto de chegada do texto é propor que, embora Saussure negue às leis fonéticas o status de leis, elas são fundamentais para a renovação da língua.

No texto “Saussure e as línguas (no plural): indícios de um olhar antropológico?”, Júlio Arnhold Ritzel busca atentar para as contribuições de Ferdinand de Saussure no que tange a um olhar antropológico sobre a linguagem. Para tanto, o autor investiga as contribuições do linguista referentes à pluralidade das línguas, que figuram como relevantes para a construção da “língua” como entidade singular.

Em “Entre o corte, a ruptura e o movimento: uma analogia para a epistemologia saussuriana”, Allana Marques problematiza a noção de corte epistemológico na reflexão sobre os efeitos produzidos pelas ideias de Saussure no campo da investigação linguística, além de discutir a noção de movimento, como uma analogia alternativa às noções de corte e de ruptura.

No texto “Idealismo y materia fónica. Amado Alonso ante los aportes de Ferdinand de Saussure”, Emiliano Battista apresenta-nos o filólogo espanhol Amado Alonso, pesquisador responsável pela primeira tradução em espanhol do *CLG*. No artigo, Battista aponta o modo com que Alonso interpretou as ideias de Saussure, tendo como âncora os conceitos de valor e de sistema. Conforme seus achados, o estudo da matéria fônica era, no enfoque de Alonso, uma ferramenta metodológica a serviço dos interesses da geografia linguística e da dialectologia.

Adriana Delgrosso, no texto “Estudio neurolingüístico sobre el humor verbal. Aportes del estructuralismo a la afasiología”, busca destacar a importância dos conceitos saussurianos para identificar sintomas na patologia neurolinguística, bem como para pensar recursos que permitam realizar uma terapêutica baseada no humor verbal. A autora se dedica, para tanto, a analisar piadas que implicam jogos de palavras, a partir da linguística estrutural, com o objetivo de propô-las como recurso terapêutico na última fase de recuperação do paciente afásico de grau leve.

Em “A repercussão da distinção saussureana entre *forma* e *substância* na teoria linguística de Hjelmslev”, Fábio Luiz de Castro Dias, Marco Antonio Villarta-Neder e Helena

Maria Ferreira discutem teoricamente, comparando epistemicamente a influência da linguística de Saussure no pensamento de Hjelmslev. Mais especificamente, os autores se debruçam sobre a distinção entre forma e substância, para compreender como tal distinção constitui sistemicamente o edifício epistêmico da teoria de Hjelmslev.

No texto “‘Às vezes é útil pedir à evidência que se justifique’: aspectos da relação entre Saussure e Benveniste”, Gabriela Barboza discute aspectos possíveis da relação entre os dois linguistas, Saussure e Benveniste, a partir da proposição de encontros, apresentada por Claudine Normand. Nessa discussão, a autora prioriza as aproximações no que tange à Linguística Geral e ao trabalho com as línguas diversas.

Em “Saussure, Benveniste e a referência”, Giovane Oliveira investiga como Benveniste opera a passagem da referência, enquanto tema de problematização, à referência, enquanto objeto de teorização. Para tanto, o autor procede a uma breve abordagem da referência como tema na filosofia e na linguística.

Lauro Gomes, em “Princípios saussurianos na pesquisa em Semântica Argumentativa”, explicita o caminho percorrido por Oswald Ducrot para o desenvolvimento de uma Semântica Linguística. A fim de elucidar esse percurso autoral de Ducrot, Gomes percorre noções propostas no âmbito da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), da Teoria Polifônica da Enunciação (TPE) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS-standard). Mostra, desse modo, a coerência da Semântica Argumentativa com os postulados saussurianos, especialmente daqueles presentes no capítulo “O valor linguístico”, do *Curso de Linguística Geral*.

Em “Da linguística geral à poética do discurso”, Daiane Neumann, centralizando a noção de sistema no pensamento saussuriano e na poética do discurso, busca compreender o papel de tal noção tanto no que tange à linguística moderna quanto no que tange ao desenvolvimento da poética, proposta por Henri Meschonnic. A partir dessa discussão, a autora busca elucidar como os estudos da linguagem se abrem para o pensamento do contínuo.

Bianca De Jorge, em “Cantos de trabalho: um discurso entre a música e a fala”, investiga a possibilidade de entender cantos de trabalho como atividades discursivas a partir de uma perspectiva poética e meschonniciana. No artigo, através da observação de cantos de marinheiros franceses, a autora propõe repensar noções como a de sistema, a de ritmo e a de discurso, para tentar entender de que maneira esse gênero de canto se enquadra no escopo dos estudos de linguagem, ampliando, assim, o olhar a outras formas de constituir sistema e sentido.

No texto “O trabalho com os sentidos em Saussure e Pêcheux. O retorno da figura d'O Casaco de Arlequim”, Aracy Ernst busca apresentar uma convergência entre Saussure e Pêcheux no que tange ao trabalho com o sentido, a partir de duas categorias teóricas, quais sejam, a noção de *valor*, em Saussure, e a noção de *real*, em Lacan. Através da retomada de aspectos relativos ao valor, no artigo *O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux*, propõe que o distanciamento divulgado entre os dois autores denegaria aquilo que os aproxima no trato com a língua, isto é, a poesia como seu reverso.

Em “A presença de Ferdinand de Saussure nas reflexões bakhtinianas: entrelinhas de um diálogo (im)possível”, Kelli da Rosa busca identificar diálogos das obras de Mikhail Bakhtin e Círculo com o pensamento saussuriano a partir das entrelinhas teóricas. Para fazê-lo, recorta duas dimensões: a primeira relacionada à crítica do Círculo endereçada ao pensamento saussuriano, e a segunda, à contrapalavra atual, que encontra terreno fértil nos dois pensamentos e que contribuiria para o aprofundamento das reflexões sobre língua e discurso.

Esperamos, com este *Dossiê*, suscitar o debate em torno do legado saussuriano, bem como atentar para a sua importância como pensamento central para o desenvolvimento da linguística, tal como a conhecemos no século XX. As diferentes abordagens dos textos aqui trazidos, bem como o recorte de diferentes princípios no legado saussuriano testemunham a complexidade e a riqueza em torno da obra desse pensador tão instigante e multifacetado.

Referências

- ALTMAN, Cristina. *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 2006 [1974].
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- DUCROT, Oswald. *Qu'est-ce que le structuralisme? Le structuralisme en linguistique*. 1 v. Paris: Éditions du Seuil, 1968.
- JAKOBSON, Roman; POMORSKA, Krystyna. *Diálogos*. Tradução de Elisa Angotti Kossoitch. São Paulo: Cultrix, 1985.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização por Charles Bally e Albert Sechehaye; Colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.